



con
versa
aversa

n. 1

adelaide ivánova
kamilla nunes
giulia ciprandi

coletiva abrasabarca

[AVISO DE GATILHO: VIOLÊNCIA DE GÊNERO/
VIOLÊNCIA SEXUAL/ VIOLÊNCIA DOMÉSTICA]

Apresentação

Abrasabarca e Portal Catarinas publicam, ao longo deste semestre, um suplemento, de edição mensal, com poetas e artistas visuais convidadas, que se dispuseram a tratar das violências em todas as suas dores.

Escrever, criar sobre e a partir da violência de gênero. Como lançar esse chamado? Tarefa difícil e, por vezes, terrível. Como se não bastasse o horror que cabe nas conhecidas e recorrentes violências sofridas pelas mulheres cis e trans em todos os tempos, vivemos sob o peso da pandemia e de um desgoverno genocida. Uma onda levantada no horizonte pronta para entrar em jorros nos nossos pulmões. Há muito o que fazer.

Como coletiva de poetas, o caminho possível nesse momento foi o contato, o cultivo do espaço para a troca. Deste espaço no Portal Catarinas, aberto por mulheres que seguem cantando e abrindo braços para a poesia e as lutas de mais um dia, estendemos nossos abraços e tivemos a surpresa alegre de sermos correspondidas.

Nosso compromisso foi ler, reler, acolher, refletir, sentir, conversar, deixar no forno quente... para então tecer outras aproximações entre os materiais recebidos de modo a fazer ressoar os impactos e os afetos, neles, em nós e, agora, assim desejamos, em vocês. Acreditamos na força da arte, na sua potência de nos co-mover em direção umas às outras e, especialmente, em direção a um mundo outro.

a sentença

I

pesa o decreto atroz, o fim certo.
pesa a sentença igual do juiz iníquo.
pesa como bigorna em minhas costas:
um homem foi hoje absolvido.

se a justiça é cega, só o xampu é neutro:
quão pouca diferença na inocência
do homem e das hienas. deixem-me em paz!
antes encham-me de vinho

a taça, qu'inda que bem ruim me deixe
ébria, console-me a alcoólica amnésia
e olvide o que de fato é tal sentença:
a mulher é culpada.

II

pese do fiel juiz igual sentença
em cada pobre homem, que não há motivo
para tanto. não fiz mal nenhum à mulher e
foi grande meu espanto

quando ela se ofendeu. exagerada, agora
reclama, fez denúncia e drama, mas na hora
nem se mexeu. culpa é dela: encheu à brava
a garbosa cara.

se a justiça é cega, só a toupeira é sábia.
celebro abonçado o evidente indulto
pois sou apenas homem, não um monstro! leixai
à mulher o trauma.

kamilla nunes



episiotomia

O corte
 Na buceta
 Não termina
No ponto
 Apertando
 A vagina

 Não termina
No ônibus
 Apertando
 O bolso
Na comida
 Apertando
 O bolso
Na mobília
 Apertando
 O bolso
No sono
 Apertando
 O olho que
 a noite inteira não
Prega
 A igreja que
 Um filho
É o caminho
 É o destino
 É o dom divino
 De vida!

Na corte

Um herdeiro

Impede o corte

No caminho do reinado.

(E no caminho

Do legado

E do dinheiro,

Sagrado testamento.)

Rainha consorte

Exerce teu direito!

A semente há de ser forte

Sair com força de teu ventre

Rasgar a tua vagina até o períneo.

Hoje, por sorte,

O médico faz um corte

(Sem o apoio ou a ciência
da mãe e da prolífica
comunidade científica.)

Mas o corte

Na buceta

Não termina

É o corte

Na aura feminina

A mulher que fascina

Tem como sina

Tornar-se intocável

santa.

giulia ciprandi

É o corte
Na carreira
Na carteira
Em tudo que ela cobre
Seja rica, seja pobre

(mas antigamente
Se era branca
E era nobre
Era nas tetas
Da ama preta
Que o nene
(m)amava
Nas pelancas
Dos braços
Da ama preta
Que o nene
nanava)

hoje, se é jovem
E se cria sozinha,
Não passa de promiscua menina

Que não pediu camisinha

Nesse caso,
Quando não casa,
A mulher pare,
O homem parte
E ponto
Pra ficar virgenzinha de novo.



sobre as autoras desta edição

adelaide ivánova

Adelaide Ivánova é jornalista e ativista pernambucana, trabalhando com poesia, performance, tradução e edição. Tem nove livros, publicados em cinco países. Edita o zine de poesia radical MAIS NORDESTE, POR FAVOR!. Em 2018, ganhou o Prêmio Rio de Literatura por seu quinto livro, “o martelo”, na categoria poesia e em 2020 foi indicada ao prêmio Derek Walcott de poesia contemporânea. Desde 2011 vive em Berlim, onde tenta ganhar a vida como babá e garçonne, entre outros trabalhos precarizados, até a pandemia se instalar.

giulia ciprandi

Giulia Ciprandi nasceu em 1996, em Lages, na serra catarinense. É autora do livreto Tesoura de poda (2019, independente) e do livro de poemas Pungente (2020, Caiaponte Edições), o qual também diagramou, viabilizado pelo Edital Elizabete Anderle. É estudante de Letras na UFSC, trabalha com webdesign e redação de texto.

kamilla nunes

Artista, curadora independente, crítica de arte e professora, atualmente doutoranda no Programa de Pós-Graduação do Ceart/Udesc. Foi gestora do Espaço Embarcação, em Florianópolis [2015 a 2018], curadora do Espaço Cultural O Sítio [2015] e diretora do Instituto Meyer Filho [2010 a 2014]. Integrou o grupo de curadoria de Frestas Trienal de Artes [SESC, 2014, Sorocaba] e idealizou a Rede Artéria em parceria com o artista Bruno Vilela [arteria.art.br].

É curadora do programa de exposições do Memorial Meyer Filho desde 2008 e autora do livro “Espaços autônomos de arte contemporânea”, lançado em 2013 através da Bolsa Funarte de estímulo à produção crítica. Atualmente pesquisa e ministra aulas sobre Arte Brasileira Contemporânea e está desenvolvendo um processo de criação que fricciona campos do conhecimento, como a psicanálise e o materialismo histórico, por exemplo. Interessa perceber como os sistemas de linguagens se revelam, quais relações existem, hoje, entre o indivíduo e o coletivo, entre o pessoal e o político.

Textos compostos por Adelaide Ivánova, Giulia Ciprandi. Arte visual por Kamilla Nunes.
Projeto e edição gráficos por Coletiva Abrasabarça.
Imagem de capa: Juliana Pereira.
Agosto de 2020.



coletiva abrasabarca